

## 7 Oficinas do “fazer”

Mesmo em sociedades que deixaram registros de sua passagem, a leitura precede a escrita. É o que afirma Alberto Manguel (1997), que dá prosseguimento ao seu pensamento explicando que “*o futuro escritor deve ser capaz de reconhecer e decifrar o sistema social de signos antes de colocá-los no papel*” (p. 20). Ele mesmo, assim como a maioria de nós, explica que só aprendeu a escrever aos 7 anos de idade, muito tempo depois de ter aprendido a ler, o que, segundo o autor, se tornou um fato em sua vida quando tinha apenas 5 anos. As oficinas realizadas durante a pesquisa desta dissertação não tiveram como objetivo ensinar as crianças a lerem ou fazerem jornalismo. Mas, de certa forma, suas atividades obedeceram a um encadeamento lógico, que primeiro privilegiou a “leitura”, para, em um segundo momento, dar ênfase à “escrita”. Porque é assim que fazemos em nossas vidas: lemos, e só depois escrevemos.

Desta forma, em uma última fase, após o período de leituras, as oficinas tiveram como atividade principal o “fazer”, ou, em outras palavras, o “produzir” e o “escrever”. A idéia de pedir aos alunos que pensassem em outras sugestões de reportagens e em outras capas para os veículos trabalhados (a revista “Recreio” e o suplemento “Globinho”), além de propor a eles que construíssem um jornal ou uma revista próprios, que tivessem como público alvo outras crianças de mesma faixa etária, teve como finalidade principal identificar o que essas crianças entendem como um veículo jornalístico de qualidade para a sua faixa etária, de acordo com os seus gostos. Foi possível ainda perceber de que modo essas crianças compreendem o texto jornalístico, bem como a sua apresentação gráfica.

Essa fase foi apontada por muitas das crianças, em debates ocorridos ao final das oficinas, como “a melhor parte” dos trabalhos desenvolvidos. De acordo com elas, a possibilidade de elaborarem e escreverem algo diferente do que já haviam feito até então foi, para elas, surpreendente. Uma aluna de 12 anos, da escola pública, explicou a questão:

**Suzana, 12 anos:** Normalmente, a gente só escreve redações. E com a revista que montamos foi diferente. A gente escolheu o nome, a gente escolheu os assuntos e a gente decidiu o quanto de texto gostaria de escrever.

Na escola particular, as opiniões foram parecidas:

**Brenda, 12 anos:** Nunca tinha escrito para uma revista antes, nem sabia como se fazia isso porque nunca tinha tentado!

Em um artigo em que trata de relações estabelecidas em Gana entre crianças e mídia eletrônica, mais especificamente o rádio e a televisão, Akrofi-Quarcoo (2002) conta que, em 1997, o Ministério das Comunicações daquele país, juntamente com a Corporação Ganense de Rádio e Televisão e o UNICEF, realizou o primeiro “Workshop para Crianças sobre Habilidades para Atuar no Rádio e na Televisão”, ocorrido nos estúdios da Corporação Ganense de Rádio e Televisão. Um dos resultados, apontados pelo autor, foi o enorme entusiasmo apresentado pelos participantes da atividade. O fato de terem que colocar a “mão na massa” e se responsabilizarem pelo resultado do produto, serviu, principalmente, para a construção de sua autoconfiança.

Algo similar parece ter ocorrido com os participantes das oficinas desta pesquisa nas duas escolas pesquisadas. O orgulho com que receberam o resultado final, ou seja, os impressos produzidos por eles próprios já escritos, diagramados e editados dá a dimensão do crescimento de uma autoconfiança também entre eles. Essa pode ser uma explicação razoável para entendermos por que essa foi a parte dos trabalhos desenvolvidos que mais agradou aos alunos.

## 7.1 Sugerindo novas capas

As “oficinas do fazer” tiveram início com uma atividade em que os alunos deveriam pensar em outras sugestões de capa para os dois veículos trabalhados. O único pedido era que as crianças pensassem em reportagens que considerassem apropriadas para as publicações. Divididos em grupos de cerca de quatro alunos, eles ainda puderam escolher o veículo com o qual gostariam de trabalhar. Alguns dos alunos, nas duas escolas, preferiram trabalhar individualmente, o que foi consentido pela pesquisadora.

As capas desenhadas pelas crianças da escola particular apresentaram, de certa maneira, um formato mais elaborado. A maioria dos trabalhos apresentados

nesta instituição seguia um padrão mais “jornalístico”, com chamadas para várias reportagens ou, ainda, com a logomarca da revista ou do suplemento bem visíveis e parecidas com as originais. Na escola pública, grande parte dos desenhos, feitos em menor escala e ocupando menos espaço nas folhas<sup>34</sup>, apresentava apenas a indicação do tema que seria abordado, sem uma sugestão de reportagem, e não levava em consideração as logomarcas dos títulos. Alguns deles, por exemplo, só colocaram a palavra “hip-hop” ou a palavra “Playstation”, sem uma explicação de qual seria a reportagem a ser apresentada.

Uma aluna de 12 anos, da escola particular, quando perguntada pela pesquisadora sobre os motivos que a levaram a copiar a logomarca do título da revista que desenhava, explicou:

**Rachel, 12 anos:** Ué, se você está pedindo para desenharmos outras sugestões para essa mesma revista, temos que fazer direitinho, né? Tem que parecer a mesma revista. E se o título ficar igual, fica mais fácil para as pessoas perceberem que é a mesma revista.

Para Manguel (1997), a noção de que certos livros se destinam aos olhos de certos grupos é quase tão antiga quanto a própria literatura. Ele mesmo, quando criança, sabia reconhecer com rapidez os livros infantis grandes e ilustrados da Editorial Abril, vendidos em uma papelaria próxima de sua casa, em Buenos Aires. Na série verde, estavam as grandes aventuras do rei Artur e dos três mosqueteiros. A série amarela apresentava histórias de Robin Hood. Já nos livros cor-de-rosa figuravam os romances de Louisa May Alcott, próprios, segundo Manguel, para suas primas, ao mesmo tempo em que eram, para ele, proibidos. *“Suas capas eram uma advertência, mais clara do que qualquer holofote, de que aqueles eram livros que nenhum menino decente leria”* (p. 256). A menina de 12 anos, da escola particular, reconhece a importância da identidade visual, neste caso para produtos jornalísticos. Sua preocupação em *“fazer ficar mais fácil para as pessoas perceberem que é a mesma revista”* mostra que ela compreende que se não tentar chegar pelo menos perto do que é a logomarca original da revista, não estará desenhando o próprio produto, mas sim uma outra revista qualquer.

---

<sup>34</sup> Ver capítulo 3, sobre as relações entre as crianças envolvidas na pesquisa e o material utilizado.

### Imagens 11 e 12



Duas capas produzidas por alunos da escola particular: atenção com as logomarcas dos impressos e sugestões de reportagens detalhadas

### Imagens 13 e 14



Capas produzidas por alunos da escola pública: menos detalhistas

O que mais chamou a atenção nos desenhos obtidos com esta atividade, na escola pública, foi que a maioria das crianças decidiu trabalhar dentro daquilo que poderíamos chamar de uma “linha editorial” dos veículos apresentados a eles, mesmo sem o pedido da pesquisadora para que agissem desta forma. Isso pôde ser percebido através da análise dos desenhos e das opiniões que expressaram essas crianças ao final da atividade. Grande parte dos desenhos de capa recolhidos destacava assuntos que poderiam ser, normalmente, encontrados nos impressos

em questão, como “games”, “animais” e “desenhos animados”. Um menino, de 11 anos, explicou o fato da seguinte maneira:

**Marcus Vinícius, 11 anos:** Fizemos uma capa sobre vídeo game.

**Josy:** E o que tem nela?

**Marcus Vinícius, 11 anos:** Tem escrito “*Tudo sobre os jogos de ‘Playstation 2’ e novos lançamentos*”. E um desenho de um “Playstation”.

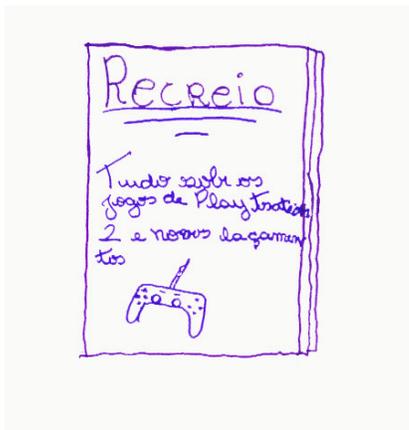
**Josy:** Por que vocês escolheram isso?

**Marcus Vinícius, 11 anos:** Eu gosto de jogos, sou viciado mesmo. E vimos que nas revistas “Recreio” que você trouxe tinham matérias sobre isso. Acharmos que ficava bom colocar na capa.

**Josy:** Você poderia escolher outros assuntos que estão na “Recreio” para colocar na capa?

**Marcus Vinícius, 11 anos:** Acho que não... Não me interessei por mais nada.

### Imagem 15



**Capa produzida por alunos da escola pública: seguindo a linha editorial do impresso**

Pode-se analisar este fato estabelecendo uma interlocução com um projeto realizado na Tanzânia, em 1996, denominado “Mambo leo”, em que um grupo de cinco crianças, de 12 a 15 anos, ao lado de dois adultos, administrou a produção da revista impressa “Mambo Leo Sauti ya Watoto”, que significa, em swahili, “Vida Hoje, Vozes de Crianças”. Obdam (2002), uma das coordenadoras do projeto, explica que as crianças que passaram a desempenhar as funções de editores achavam muito difícil tomar qualquer iniciativa e preferiam esperar instruções dos mediadores adultos. A autora afirma que, ao escolherem os assuntos, elas tentavam fazer a coisa “certa”, dizendo o que achavam que os mediadores adultos gostariam de ouvir.

Obdam tem algumas explicações para esse tipo de comportamento. Diz ela que a sociedade e o sistema escolar, pelo menos na Tanzânia, ensinam às crianças que elas não devem ser ouvidas e que suas opiniões não têm importância. Desta maneira, elas crescem achando difícil formular suas próprias idéias, uma vez que nunca se pede sua opinião, mas diz-se a elas como e o que devem pensar.

No caso desta atividade realizada durante as oficinas na escola pública, percebemos uma espécie de “meio-termo” nessa questão. A dificuldade dos alunos dessas oficinas em expressarem suas próprias opiniões foi sentida, mas, de certa forma, percebeu-se que eles criaram um mecanismo próprio de defesa, para que não corressem o risco de estarem “errados” e, ao mesmo tempo, poderem mostrar seu ponto de vista. A fala do aluno Marcus Vinícius, de 11 anos, é um exemplo claro: escolhe-se uma idéia de reportagem que já fazia parte da revista, mas fica claro que ela só foi eleita por ser de interesse dos alunos. Desta forma, nota-se que as crianças da escola pública, de modo geral, fizeram uma espécie de “edição” dos assuntos que mais as interessavam dentro das revistas “Recreio” e dos suplementos “Globinho”, com os quais trabalhamos, e foi só a partir desta seleção que concretizaram seus trabalhos. Entre algumas meninas que também seguiram a linha editorial dos impressos, os assuntos destacados foram desenhos animados, como “Meninas superpoderosas” e “Coragem, o cão covarde”, e temas sobre o mundo animal.

Na escola particular, percebeu-se que as crianças não levaram em conta o conteúdo editorial dos veículos trabalhados, agindo de maneira mais independente. Reunidos em grupos ou individualmente, elas fizeram questão de pensar em sugestões inéditas, que agradassem não só a elas, mas a um público mais amplo, formado tanto por meninos, quanto por meninas, além de pessoas da idade deles e de idades inferiores. Na capa de um “Globinho”, desenhado por um grupo formado por três meninas e dois meninos, a sugestão de reportagem era “*A vida do corredor de Fórmula 1 Ayrton Senna*”, acompanhada de um desenho do capacete do piloto.

**Brenda, 12 anos:** A gente achou que muita gente poderia se interessar pela vida dele. Porque ele foi um dos maiores pilotos de Fórmula 1 do mundo e deve ter feito muita coisa antes de morrer.

**Josy:** Quem pode se interessar pelo assunto?

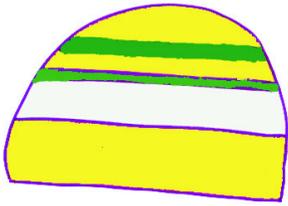
**Tommy, 13 anos:** Muita gente! Gente mais nova, gente mais velha, meninos e meninas...

**Josy:** Vocês já eram nascidos quando o Ayrton Senna morreu?

**Brenda, 12 anos:** Não, mas acho que isso só me faz ter mais vontade de ler sobre ele. E acho que o pessoal mais novo também pensa assim.

### Imagem 16

GLOBINHO  
A VIDA DO CORREDOR DE FÓRMULA 1  
AYRTON SENNA



#### Capa produzida por alunos da escola particular: foco no público leitor

As crianças da escola particular, por sua vez, assumem, de fato, uma postura “jornalística”, mesmo não tendo conhecimentos específicos de edição. A partir de suas experiências como leitoras, elas colocam em prática alguns dos princípios básicos que regem uma redação de jornal ou de revista. O jornalista Clóvis Rossi (2005), por exemplo, é enfático ao afirmar que o jornalismo poderia ser comparado a um campo de batalha.

“Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência inofensiva: a palavra (...)”. (Rossi, 2005, p. 7)

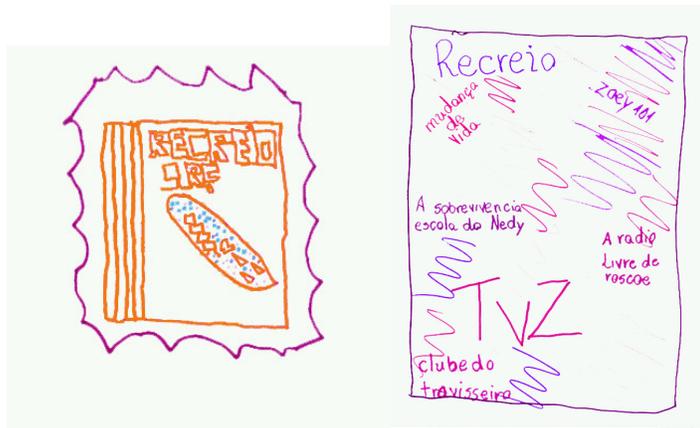
Essa idéia parece ter sido compreendida pelos alunos da escola particular, envolvidos na oficina. Ao pensarem também em seu “público leitor”, as crianças demonstraram que são capazes de, se necessário, portarem-se como editores.

Por outro lado, uma pequena parte dos participantes das oficinas, tanto na escola pública, quanto na particular, inseriu assuntos que não fazem parte do universo de temas contemplados pela “Recreio” ou pelo “Globinho”. Entre os desenhos feitos por um grupo de meninas, em ambas escolas, foi possível perceber que as sugestões de reportagem tinham como tema principal novelas,

especialmente “Rebelde” e “Malhação”, “moda” e “música”. Entre os meninos que desenharam capas diferentes das que são publicadas normalmente pelos impressos, o tema principal era “esportes”.

Uma menina de 12 anos da escola pública, por exemplo, colocou na capa da revista “Recreio” que desenhcou as seguintes chamadas de reportagem: “*Novelas de adolescentes*”, “*Roupas da moda*”, “*Atrizes chiques*”, “*Tudo sobre Felipe Dylan*” e “*Parque de diversão*”. Já um menino de 11 anos, da mesma escola, que também desenhcou a revista “Recreio”, usou o título “Recreio surf” (imagem 17), acompanhado de um desenho de uma prancha de surfe.

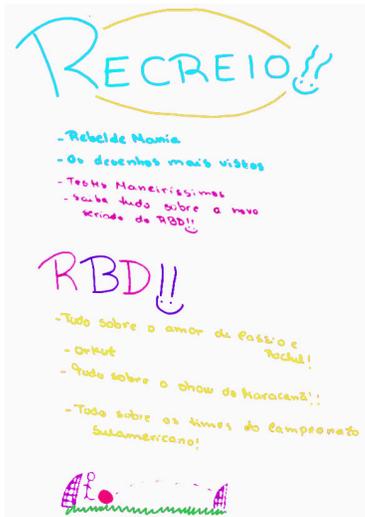
### Imagens 17 e 18



**Capas produzidas por alunos da escola pública: sugerindo novos assuntos, que não aparecem, normalmente, nos impressos trabalhados**

Na escola particular, as reportagens que se diferenciavam das que normalmente são publicadas pelos impressos tinham como temas novelas, principalmente “Rebelde”, e o site “Orkut”, de relacionamentos da internet. A sugestão de capa para a “Recreio”, de um grupo de meninas nesta escola, trazia os seguintes títulos: “*Tudo sobre as coisas que estão acontecendo agora na TV: Rebelde*”, “*novelas*”, “*desenhos do canal Nickelodeon*” e “*Orkut*”.

## Imagem 19



Capa produzida por alunos da escola particular: assuntos que não aparecem, normalmente, nos veículos trabalhados

### 7.2

#### Sugerindo pautas de acordo com o público alvo: noções básicas de endereçamento

Após a atividade de sugestão de capas, uma nova tarefa foi proposta, desta vez com o objetivo de observar se as crianças envolvidas nesta pesquisa se percebiam, de fato, público-alvo das publicações trabalhadas. Com o trabalho das capas, percebeu-se que algumas delas já davam alguns indícios de que as escolhas de reportagens por parte dos editores e repórteres não eram, para elas, as melhores escolhas.

Nesta oficina de pautas, foi pedido que pensassem em reportagens voltadas para um público de 8 a 12 anos, faixa etária apontada por ambas publicações trabalhadas como seu público-alvo, e que, logo depois do primeiro desenho, pensassem em outras sugestões de reportagens, desta vez voltadas para elas próprias.

O que pôde ser percebido no material produzido e no debate que se iniciou logo em seguida é que apenas um pequeno número de crianças se reconhece como “parte do grupo” a quem os materiais impressos são endereçados. Isso porque, ao imaginarem o que poderia agradar a esse público-alvo, formado por crianças entre 8 e 12 anos, elas rapidamente sugeriram temas “infantis”, distante do que elas próprias considerariam atraente em uma publicação.

Na escola particular, antes de começar a escrever, uma menina de 12 anos afirmou:

**Brenda, 12 anos:** Mas essa atividade é muito difícil!

**Josy:** Por quê, Brenda?

**Brenda, 12 anos:** Porque essas crianças que você disse, de 8 a 12 anos, não gostam de nada, hoje em dia. É muito difícil agradá-las!

**Josy:** É mesmo?

**Brenda, 12 anos:** Pois é, eu tenho um irmão que tem oito anos que é difícilmo de agradar. E ele não gosta de nada. Dá um trabalhão.

Essa mesma menina, em seu trabalho, fez uma clara separação entre as duas sugestões. Na opinião dela, uma reportagem endereçada a ela própria deveria ser: “*Silvio e Vesgo, do Pânico na TV, como ‘Roberts’ no casamento do dono do Pânico*”<sup>35</sup> enquanto para um público de 8 a 12 anos, sua sugestão seria: “*High School Musical. O novo filme do Disney Channel e que faz o maior sucesso*”.

As anotações feitas por outra menina da escola particular, também de 12 anos, reforçaram a idéia de que as crianças envolvidas na pesquisa se colocam como parte de um público diferente. Sua sugestão de pauta para ela mesma foi: “*Desfile de moda. Super desfile no Rio!! Marcas famosas!!*”. Já para crianças de 8 a 12 anos, ela sugeria: “*Polly e Barbie fazem superpromoção!!*”. Um menino de 11 anos escreveu, como pauta para ele: “*Esportes: Botafogo mais uma vez é campeão do Mundial Interclubes agora em cima do Barcelona*”. Para crianças de 8 a 12 anos, sua sugestão foi: “*Estrela lança um brinquedo que mostra o futuro. Custa R\$ 1.090,00*”.

O mesmo ocorreu na escola pública. Um menino de 11 anos escreveu sua sugestão para crianças de oito a 12 anos: “*Eu faria um desenho para eles pintarem*”. Para ele mesmo, a melhor pauta seria “*Rio Vert Jam e X Games*”<sup>36</sup>.

Alguns alunos chegaram até a sugerir que as pautas voltadas para o público de oito a 12 anos tivessem um tom de “ensinamento”. Uma menina de 11 anos, da escola particular, por exemplo, escreveu, como sugestão de reportagem

<sup>35</sup> “Pânico” é um programa de rádio transmitido pela rádio Jovem Pan há mais de dez anos. Ele tem como características o tom humorístico escrachado, no qual as principais piadas são exploradas a partir de seus integrantes, de seus convidados e de seus ouvintes. O “Pânico na TV” é a versão televisiva do programa, transmitida pela Rede TV!.

<sup>36</sup> O “Vert Jam” e os “X Games” são competições esportivas que acontecem em várias cidades do mundo, onde competem skatistas e patinadores *in-line*, fazendo manobras em plataformas especiais.

para esse público: “*Criança morre por causa de Telletubies!!!*”. Em nosso debate, depois da atividade, ela explicou:

**Michelle, 11 anos:** Ela morreu porque foi tentar fazer alguma coisa que eles fazem no desenho e se machucou. É um alerta!

Uma menina de 12 anos, da escola pública, apresentou como sugestão: “*Eu gostaria de escrever sobre literatura para crianças de oito a 12 anos*”. Ao ser perguntada sobre sua escolha, ela explicou: “*Ah! As crianças lêem tão pouco... Seria legal ter uma reportagem que mostrasse a elas como ler é importante*”.

Foram poucas as crianças que “se inseriram” neste público de 8 a 12 anos, sugerindo exatamente a mesma reportagem duas vezes, ou reportagens muito parecidas, tanto para elas quanto para o público apontado. Os temas abordados por esses alunos foram a novela “Rebelde” e alguns desenhos animados, como o “Bob Esponja”. Uma menina de 12 anos da escola particular escreveu uma única vez em sua folha: “*O maior sucesso!! Maitê, Dulce, Anahí, Christopher, Christian e Alfonso fazem o maior sucesso vendendo todos os ingressos pelo Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus e Belo Horizonte!*”. Ao explicar a sugestão de reportagem sobre a banda da novela, ela falou:

**Morgana, 12 anos:** Eu só escrevi uma vez porque acho que essa reportagem serve para todo mundo.

**Josy:** Todo mundo quem?

**Morgana, 12 anos:** Tem muitas meninas da minha idade que amam “Rebelde”. E sei que as meninas mais novas também gostam. Por isso não precisei fazer nenhuma mudança.

Na escola pública, um fato muito parecido se deu também com uma menina de 12 anos. Ela escreveu duas vezes, na mesma folha: “*RBD vai fazer filme, desenho animado e histórias em quadrinhos*”.

### 7.3

#### A criação de um impresso próprio

Como atividade última das oficinas nas duas escolas, foi proposta a criação de um veículo jornalístico próprio, pensado e realizado pelas crianças, a partir de

seus gostos e idéias. A montagem do impresso foi realizada em três oficinas e seguiu as seguintes etapas:

- Escolha do formato (jornal ou revista)
- Escolha dos temas abordados na publicação
- Divisão dos alunos de acordo com os temas que gostariam de escrever
- Escolha do nome da publicação
- Pesquisa sobre os temas que seriam abordados na publicação
- Sugestão de pautas
- Definição do número de páginas da publicação e de como os temas seriam divididos no impresso
- Redação das reportagens
- “Diagramação” das páginas
- Fechamento das publicações

Todas as decisões foram tomadas em conjunto, com a organização da pesquisadora, a partir de idéias vindas das próprias crianças, que eram colocadas em votação.

### **7.3.1 A publicação na escola particular**

Na escola particular, houve uma unanimidade quanto ao formato da publicação que os alunos gostariam de fazer. Todos eles, quando perguntados, afirmaram que gostariam de montar uma revista. A explicação, dada pela grande maioria, era de que esse tipo de impresso ficaria “mais bonito” e ainda seria possível guardá-lo por mais tempo. “*As folhas de um jornal ficam amareladas em pouco tempo. E ninguém gosta de guardar jornal, né?*”, disse uma menina de 11 anos.

Essas crianças, mesmo que intuitivamente, fazem as mesmas afirmações que editores e especialistas do jornalismo de revista. Scalzo (2006), por exemplo, afirma que as revistas devem sempre respeitar a necessidade de carregar, de guardar ou de colecionar de seus leitores.

“Ainda devido à qualidade do papel e da impressão, outro grande diferencial positivo das revistas, principalmente em relação aos jornais, é a sua durabilidade. Revistas duram muito mais (graças à qualidade do papel, é verdade, mas pelo conteúdo também). É só dar uma olhada nas salas de espera dos consultórios de médicos e dentistas...” (Scalzo, 2006, p. 41).

Cláudio Henrique (2002) tem uma explicação parecida com a de Scalzo e faz uma boa diferenciação entre a durabilidade de jornais e de revistas, claramente percebida pelas crianças.

“A áurea de realeza que cerca este tipo de publicação começa na constatação curiosa de que, ao contrário dos jornais, folhas coloridas de revistas não são usadas para embrulhar peixes. A capa de *Veja* com a entrevista de Pedro Collor (1992) – descascando e fritando a batata do irmão Fernando – nunca abraçou filés de atum nem envolveu tilápias. Revistas têm vida mais longa, descobriram no papel *couché* um elixir da juventude, que lhes dá mais alguns dias ou semanas de vida.” (Henrique, 2002, p. 134).

As crianças logo se dividiram em grupos, de acordo com afinidades e interesses nos temas, e já tinham idéia dos assuntos que gostariam de abordar na revista. As editorias<sup>37</sup>, como chamamos os grupos responsáveis por cada assunto, foram: “esportes”; “histórias em quadrinhos”; “fofocas e culinária”; “mundo jovem” (englobando novelas, moda e comportamento juvenil); e “opiniões dos alunos”. Esta última foi substituída, posteriormente, por “High School Musical”, filme produzido pela Disney, por decisão dos próprios alunos.

Os nomes para a revista, sugeridos também pelas crianças, e colocados em votação foram: “Revista CEAD”<sup>38</sup>; “Inovação D+”; “Magic Magazine”; e “CEAD Teen”. O nome “CEAD Teen” ganhou pela maioria de votos. Um fato curioso nos chama a atenção neste ponto: o título escolhido, que venceu a votação realizada na oficina com uma larga vantagem sobre as outras opções, contém a palavra “teen”, que significa “adolescente” em inglês. Um sinal de que os alunos dessa escola se consideram público leitor de uma revista voltada para adolescentes.

<sup>37</sup> Editorias são as divisões responsáveis por cada seção de um jornal ou de uma revista. Por exemplo: a editoria de esportes é responsável pela seção diária de esportes de um periódico.

<sup>38</sup> A sigla CEAD é fictícia e substitui o nome do colégio, usado pelas crianças para dar título à publicação.

### 7.3.1a Composição da revista

As escolhas de número de páginas e de composição da revista, ou seja, quantas páginas seriam destinadas a cada editoria, foram motivo de discussões intensas entre os alunos da escola particular. A princípio, todos queriam o maior número de páginas possível para suas reportagens. Depois de um pequeno debate, em que eles próprios chegaram à conclusão de que deveriam pensar no que um público formado por pessoas da idade deles gostaria de ler, ficou acertado que cada editoria teria cerca de quatro páginas, podendo haver pequenas variações.

**Raffaella, 12 anos:** Vocês acham que as meninas daqui do colégio, por exemplo, vão querer só ler sobre esporte?

**Ben, 11 anos:** Pois é. E também não pode ter um monte de páginas só de Rebelde. Tem que ficar justo, equilibrado. Para todo mundo ter vontade de ler.

Foi nesta fase que os conhecimentos que esses alunos tinham sobre revistas ficou mais evidente. Durante a reunião que fizemos para tomar as decisões sobre a composição da publicação, houve discussões sobre o uso, ou não, de propagandas, e a importância de haver páginas dedicadas ao sumário e aos nomes dos repórteres que prepararam a publicação, o “expediente”. Todas essas sugestões partiram dos próprios alunos, quando a pesquisadora perguntou o que deveria figurar nas primeiras páginas da revista. O mais curioso, sem dúvida, é que instantaneamente as crianças apontaram a página dois, logo depois da capa, como o local mais indicado para abrigar índice e expediente, assim como acontece em muitas revistas do mercado. A publicidade acabou sendo deixada de lado pelas crianças, que, apesar de a considerarem importante, não queriam “*gastar tempo*” pensando nisso, pois as reportagens eram mais importantes.

As decisões sobre a capa e a contracapa da revista também foram tomadas nessa reunião. Como os assuntos abordados na publicação dos alunos eram muito diferentes entre si e, segundo eles próprios, poderia ser “difícil” e até mesmo “injusto” escolher apenas um deles para ter destaque na capa, ficou acordado que todas as editorias teriam direito a, pelo menos, uma foto ou uma chamada na capa, para que os leitores soubessem tudo o que poderiam encontrar dentro da revista. Todos concordaram que não haveria uma chamada de maior destaque para não haver “desequilíbrio”.

As idéias para o que serviria como contracapa foram muitas e provocaram discussões acaloradas. As meninas da editoria “Rebelde”, que haviam pedido para ocupar as últimas páginas da revista, uma vez que, segundo elas, os leitores poderiam encontrá-las com mais facilidade, queriam que a contracapa também exibisse reportagens suas. O restante dos alunos se opôs, já que considerava que essa última página da revista deveria ser “neutra”. Uma sugestão de uma das alunas, neste momento, merece destaque:

**Carolina, 12 anos:** Eu acho que a gente poderia colocar nessa contracapa um anúncio de jóias.

**Josy:** Um anúncio de jóias?

**Carolina, 12 anos:** É. Já vi muito isso em revistas. Na “Caras” é assim. Acho que é o certo...

A decisão final foi que a seção de “Culinária” poderia ter apenas uma página e ocupar a contracapa da revista. A idéia da neutralidade quanto ao assunto foi o que pesou, para os alunos. As reportagens escolhidas para entrar na publicação, sua ordem e a quantidade de páginas destinadas a cada editoria estão listadas a seguir:

## **REVISTA “CEAD TEEN”**

### **Página 1 / Capa:**

Chamadas para reportagens sobre Orkut, Rebelde, culinária, perfil do goleiro Rogério Ceni, a moda dos uniforme e fofocas

### **Página 2: Índice e expediente**

#### **Páginas 3 a 6: Esportes**

O acidente sofrido pelo piloto de *stock car* Gualter Salles

Os recordes do tenista Roger Federer

Seleção brasileira vence campeonato mundial de futebol de areia

Disputa entre Eurico Miranda e Roberto Dinamite para a presidência do Vasco

Derrota do Botafogo para o Palmeiras

Situação do Fluminense no Campeonato Brasileiro

Situação do Flamengo no Campeonato Brasileiro

Perfil do goleiro Rogério Ceni

### **Páginas 7 e 8: Fofocas**

Carolina Dieckmann e Reynaldo Gianecchini posam para o fotógrafo Fernando Torquatto

A atriz Deborah Secco e o músico Marcelo Falcão vivem crise no relacionamento

Banda RBD, da novela “Rebelde”, lança novos CD e DVD

Alunos do CEAD lançam uma revista, a “CEAD Teen”

### **Página 9: Histórias em quadrinhos**

Duas histórias sobre Pirajá e Empada, amigos de escola

### **Páginas 10 a 13: Mundo jovem**

Moda na escola: sugestões para mudar a cara do uniforme escolar

Como se proteger antes de expor dados no sítio de relacionamentos “Orkut”

As roupas escolhidas pelos atores e atrizes da novela “Rebelde”

### **Páginas 14 a 18: Rebelde**

Perfil dos casais da novela “Rebelde”

Perfil dos integrantes da banda RBD, formada por atores da novela “Rebelde”

Letras de duas músicas novas da banda RBD

Teste: “Quem é você na novela Rebelde?”

### **Página 19: High School Musical**

Teste: “Com que personagem você mais se parece no filme ‘High School Musical’?”

### **Página 20 / contracapa: Culinária**

Receita judaica de Guefilte Fish

### 7.3.1b

#### Pautas da revista

Todas as idéias de reportagens foram colhidas pelos alunos da escola particular na internet, em revistas ou em jornais. Quando a pesquisadora explicou que eles poderiam sugerir e escrever sobre o que quisessem, as crianças logo recorreram a reportagens já feitas e publicadas pela grande imprensa, para que dali retirassem seu material.

A única exceção veio de uma menina, que afirmou que gostaria, em um primeiro momento, de escrever sobre as opiniões de outros alunos do colégio, a partir de assuntos que ela depois determinaria. Apesar da desistência posterior dessa aluna, que disse que não saberia direito como fazer um trabalho assim, esse foi o único momento em que uma das crianças se propôs a praticar o jornalismo em sua forma mais tradicional: realizando entrevistas e, depois, criando um texto inédito. Nenhum outro aluno pensou em entrevistar pessoas e escrever por conta própria, sem o auxílio de outro texto vindo da internet ou da mídia impressa.

**Paula, 11 anos:** É difícil escrever assim, do nada. A gente precisa de uma inspiração, de um texto que alguém já tenha feito...

Alegria e Leite<sup>39</sup> (2003), ao realizarem o projeto “Oficina TVE de Mídia”, com atividades para crianças e adolescentes, alunos de escolas públicas do Rio de Janeiro sem experiência prévia na realização de audiovisuais, fazem uma observação que nos cabe neste momento, quando analisam os resultados do primeiro vídeo produzido pelos participantes de suas oficinas. Segundo eles, esse primeiro produto, chamado “Nós da mídia”, que contava quem eram essas crianças e adolescentes participantes e o que estavam fazendo no projeto, tinha os mesmos padrões daqueles que estamos acostumados a ver na TV, o que parecia ser uma tendência dominante em um primeiro momento. O vídeo produzido pelos jovens replicou um formato conhecido na televisão, com uma apresentadora que narra e entrevistava cada um dos participantes, assim como os trabalhos produzidos nas oficinas da pesquisa de campo desta dissertação, em que as

---

<sup>39</sup> ALEGRIA, JOÃO e LEITE, CAMILA *Histórias do “Pescador de Partes”, uma experiência mídia-educativa*  
<http://www.grupem.com/docs/ARTIGO%207%20Hist%F3rias%20do%20Pescador%20de%20Partes.doc>>. Acessado em 10 de janeiro de 2006.

crianças se utilizam de um modelo já conhecido por elas. Os próprios participantes das oficinas realizadas na TVE, ao avaliarem o resultado, apontaram para essa “repetição” de um formato que já conheciam.

### **7.3.1c** **Textos da revista**

As crianças da escola particular não tiveram dificuldades em definir os temas de suas reportagens e escrever seus textos. A principal fonte de idéias e de inspiração para as reportagens da publicação foi, sem dúvida, a internet. Os alunos levantaram novidades e informações a partir de sítios de busca, principalmente o “Google”, tanto em casa quanto na escola. A intimidade que aparentaram ter com a internet e com os sítios de busca, especificamente, ficou evidente durante a atividade.

Os textos que escreveram tinham, em sua maioria, uma certa semelhança com o tipo de escrita que se pode encontrar na rede mundial de computadores: curtos e pouco aprofundados, contendo apenas as informações principais, sem se aterem a detalhes. Villela (2002), ao fazer considerações sobre o texto jornalístico do mundo digital, afirma que ele deve ser leve, com textos curtos e parágrafos pequenos. Além disso, a objetividade é ponto fundamental para jornalistas que escrevem em veículos *on-line*: informação concisa, precisa e enxuta, sem “gordura”, direto ao ponto. A escrita produzida pelas crianças tinha exatamente o perfil descrito por esse autor, com o tamanho de “notinhas” e não de textos jornalísticos mais “encorpados”, como os que são, comumente, encontrados em revistas.

Nicolaci-da-Costa (2005), em um artigo sobre as profundas alterações que algumas tecnologias, em especial a internet, vêm introduzindo nas formas de pensar, agir, sentir e de ser na contemporaneidade, avalia o impacto dessas mudanças sobre os usuários brasileiros. Seus resultados podem ser uma pista para entendermos as escolhas das crianças da escola particular sobre o tipo de texto eleito para a sua revista. Segundo a autora, os usuários absorvem o que ela chama de “*uma nova lógica da rede*”, de agilidade, integração e relativização, que serve tanto para o mundo virtual, quanto para o real, uma vez que se percebe que essa lógica, muitas vezes, é transportada para o mundo *off-line*. Os novos usos de

linguagem estão incluídos nessas “profundas alterações”, que se caracterizam, segundo ela, por um estilo *on-line* de escrita: abreviado, econômico e objetivo.

### 7.3.1d Diagramação da revista

Além da produção dos textos, as crianças também foram responsáveis por pensarem no “desenho” que teriam suas reportagens, ou seja, na diagramação da revista. Neste processo, elas deram sugestões de cores, tanto para as letras, quanto para o fundo das páginas; disseram que fotos gostariam de utilizar; e ainda desenharam as páginas, mostrando para a pesquisadora como seriam dispostos os textos e as imagens.

Diferentemente do que aconteceu com os textos apresentados para a revista, que tiveram um perfil bastante parecido com grande parte dos escritos encontrados na *web*, a diagramação sugerida pelas crianças seguiu um padrão bastante parecido com o de revistas disponíveis no mercado. Isso evidenciou a familiaridade que elas têm com esse tipo de impresso, uma vez que não só deram idéias de diagramações simples, mas, em alguns casos, sofisticadas, recorrendo ao conhecimento que já tinham e utilizando-o de maneira própria e criativa. Os meninos responsáveis pela editoria de “esportes”, por exemplo, requisitaram que o fundo das páginas em que estivessem as reportagens sobre a situação dos times cariocas de futebol no “Campeonato Brasileiro” tivessem as cores dessas agremiações.

**Ben, 11 anos:** Acho que, se a gente colocasse um fundo vermelho e verde nesta parte do Fluminense, por exemplo, as pessoas saberiam de cara sobre o que é a reportagem.

**Josy:** E isso é importante?

**Ben, 11 anos:** Eu acho que sim. Aí a pessoa decide logo se quer ler ou não. Além disso, acho que a página vai ficar bem bonita.

As meninas da editoria “Rebelde” também apresentaram idéias bastante criativas, não se atendo a velhas fórmulas, como colocar uma cor única no fundo das páginas.

**Morgana, 12 anos:** Eu acho que ficaria legal se a gente colocasse no fundo da página onde está a reportagem sobre a banda RBD, em vez de uma cor só, a logomarca do grupo. Eles têm tipo um brasão que é a marca registrada da banda.

A gente busca na internet e coloca essa marca bem fraquinha no fundo, quase transparente. Fica diferente e acho que não confunde com o texto.

As formas que permitem a leitura, audição ou visão de um texto participam profundamente de seus significados. É o que afirma Chartier (2002), quando opina que, em qualquer história do livro ou da leitura, uma das principais questões que deve ser colocada diz respeito a “*como os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e lêem*” (p. 61). Entende-se, então, que as estruturas de apresentação de um texto influenciam na significação da leitura e que compreender que um livro ou que um impresso constituem mais que um texto, ou seja, são formados também pela estruturação de suas páginas, significa compreender o quanto é importante analisarmos os formatos que as crianças envolvidas nesta pesquisa escolhem para suas publicações.

Como já foi dito anteriormente, as crianças da escola particular assumem uma postura “jornalística”, mesmo possuindo pouco ou nenhum conhecimento prático de edição. O que já podia ser afirmado em relação à escolha de pautas, pode também ser percebido na diagramação sugerida por essas crianças. Além disso, há uma evidente coerência nas escolhas dos alunos, desde o nome da publicação, passando pelos assuntos de suas reportagens, seus textos e sua diagramação: todos esses itens seguem um mesmo caminho. Os alunos estão, claramente, direcionando seu impresso para um público “adolescente”, com uma revista com assuntos que interessam a essa faixa etária; de textos concisos e curtos como os da internet, uma forma agradável a esse público; e diagramados diferentemente dos impressos voltados para crianças, com recursos sofisticados.

### **7.3.2**

#### **As publicações na escola pública**

Na escola pública, foram construídas duas publicações, uma vez que a pesquisadora trabalhou, nesta instituição, com dois grupos diferentes, a partir da divisão de alunos de uma mesma classe. Em ambos os grupos, houve uma expressiva preferência pelo formato revista, com votações quase unânimes pela escolha desse tipo de impresso. As explicações dadas pelas crianças para essas escolhas foram parecidas com as da escola particular. Elas afirmaram que fazer

uma revista seria a oportunidade de criarem um material “mais colorido”, “mais bonito” e “mais chamativo”. As explicações de Scalzo (2006) e Henrique (2002), citadas anteriormente, também servem de base para entendermos essa escolha por parte das crianças da escola pública.

Os alunos, nesta escola, dos dois grupos, tiveram dificuldades em definir os temas que seriam abordados na publicação. Ao contrário do que aconteceu na escola particular, não houve uma divisão clara de temas e, conseqüentemente, de grupos a partir desses assuntos, logo que a atividade teve início. Após a votação de escolha do formato da publicação, a pesquisadora teve que extrair dos dois grupos os assuntos que eles achariam interessantes para a revista, propondo uma discussão sobre seus gostos e hábitos.

Para a revista do grupo 1 da escola pública, os temas/editoriais escolhidos foram: “vida animal”; “música”; “games”; “novelas”; “esportes”; “desenhos animados”; “horóscopo”; “fofocas”; e “piadas”. Para a revista do grupo 2: “Rebelde”; “música”; “esportes”; “piadas”; “passatempos”; “fofocas”; e “filmes”. Alguns alunos queriam escrever sobre mais de um tema, participando, assim, de mais de uma editoria, fazendo com que a dinâmica da atividade nesta escola, por escolha deles mesmos, tenha sido diferente do que aquela feita na escola particular.

Os nomes sugeridos para a revista do grupo 1 foram: “Revista sobre tudo”; “Revista Neto”; “Revista 503”; “Revista Beijola”, “Asteróide” e “Revista Mistura”. Pela maioria de votos, o nome “Asteróide” foi escolhido. No grupo 2, os nomes pensados pelos alunos e votados foram: “O diário dos Rebeldes”; “Cobras e Lagartos”; “Adolescentes da Rocinha”; “Nova geração”; “Turma 503”; “Cometa”; “Os expulsos do inferno”; “Diário” e “Melhor revista do mundo”. O nome escolhido, afinal, foi “Os expulsos do inferno”.

O que se percebe, a partir de uma análise dos nomes em questão, é que muitos deles são baseados em idéias vindas de programas de televisão. A televisão, aliás, permeia grande parte do discurso das crianças da escola pública, quando estas falam sobre mídia, fato percebido desde o início das oficinas<sup>40</sup>. “Revista Neto”, por exemplo, seria uma homenagem a um desenho animado que passa no canal Nickelodeon. “Revista Beijola” faz alusão a um dos personagens

---

<sup>40</sup> Ver Capítulo 5: “Considerações das crianças sobre jornais”

do seriado “A grande família”, da TV Globo. “O diário dos rebeldes” e “Cobras e Lagartos” são referências a novelas que fazem sucesso entre essas crianças. Por último, “Os expulsos do inferno” também tem origem em um programa de tevê. As alunas que sugeriram o título esclareceram que essa foi uma idéia surgida entre os integrantes da banda RBD, da novela “Rebelde”, no episódio em que o conjunto ainda não tinha um nome e os adolescentes tiveram que se reunir para pensar em algumas possibilidades.

As opções feitas pelos alunos da escola pública para suas revistas com base em programas de TV, e não em outros veículos da mídia impressa, podem ser explicadas pelo que diz Fuenzalida (2002) sobre a televisão. Segundo o autor, os signos audiovisuais do cinema e da TV não são estáticos, mas sim dinâmicos, e aparecem em uma seqüência temporal que se concretiza em um filme ou um programa televisivo de duração determinada. É esse dinamismo temporal que diferencia as mensagens audiovisuais de uma fotografia ou de qualquer outra imagem gráfica. A pupila humana, diz o autor, está programada filogeneticamente para se dirigir de modo instintivo ao que está em movimento. Essas são apenas algumas características que fazem a linguagem audiovisual ser muito mais apta que outras para narrar histórias, fazendo com que Fuenzalida (idem) identifique na tevê o que ele chama de um grande e rico potencial de comunicação. É essa riqueza informacional que outorga, então, uma poderosa dimensão afetiva à comunicação audiovisual, principalmente à TV. Compreende-se, desta forma, por que essas crianças, na hora em que se viram obrigadas a fazer escolhas para os seus trabalhos, recorreram à televisão e aos seus conhecimentos sobre o assunto.

### **7.3.2a**

#### **Composição das revistas**

As reuniões que definiram a composição das revistas na escola pública, para que pensássemos no número total de páginas e em quantas folhas seriam destinadas a cada editoria, não provocou muitos debates ou discussões entre os alunos, diferentemente do que aconteceu na escola particular. Em ambos os grupos desta escola, as crianças se mostraram desinteressadas quanto a esse assunto, sem se importarem muito com quantas páginas teriam que trabalhar ou em que parte da revista ficariam suas reportagens. Assim como na escola

particular, em um primeiro momento, quando perguntadas, elas queriam o maior número de folhas possível, em média de oito a dez por editoria, mas, da mesma forma, chegaram a um consenso de que três páginas por tema seria um bom número, para que a revista não ficasse “*cansativa*”.

Essas crianças só começaram a mostrar algum interesse, de fato, quando a pesquisadora abriu um debate sobre o que gostariam de fazer com a capa e com a contracapa das publicações. Nos dois grupos, por causa dos nomes escolhidos, houve muitas dúvidas de que caminho as ilustrações ou fotos da capa deveriam seguir:

**Matheus, 12 anos:** Se a revista se chama “Asteróide”, a capa tem que ter um asteróide, ou qualquer coisa do espaço.

**Elton, 12 anos:** Não concordo. Isso não tem nada a ver com o que está dentro da revista. Parece enganação...

Da mesma forma, os alunos do grupo 2, que optaram pelo nome “Expulsos do inferno”, também se fizeram esse tipo de questionamento: se a capa seguiria o título da publicação ou o seu conteúdo. Por fim, ao final de mais uma votação, as crianças concordaram que a melhor saída seria dar peso ao conteúdo da publicação e colocar, na capa, chamadas com fotos das reportagens que fariam parte da revista, exatamente como a capa da escola particular.

Para a composição da revista, os alunos da escola pública não pensaram em publicidade ou qualquer tipo de propaganda. Nos dois grupos, no entanto, vários alunos lembraram da necessidade de haver um índice na página dois, logo depois da capa, e de um “expediente”, que eles chamaram de “uma página com os nossos nomes”, para a contracapa. Quando perguntei por que os nomes deles entrariam somente na última página da revista, o que não acontece nas revistas disponíveis no mercado, um aluno respondeu:

**Rian, 11 anos:** É que nem filme, professora. Nos filmes e nos programas de televisão, os nomes aparecem por último, né?

Mais uma vez, nota-se que essas crianças se valem de conhecimentos obtidos através da mídia audiovisual. As reportagens escolhidas para entrar na publicação e a quantidade de páginas destinadas a cada editoria estão listadas a seguir:

**REVISTA “ASTERÓIDE”:****Página 1 / Capa:**

Chamadas para reportagens sobre futebol, música e vida animal

**Página 2: Índice****Páginas 3 a 5: Mundo animal**

Como vivem os cervos

Como vivem onças e cobras

**Páginas 6 a 8: Música**

Black Eyed Peas faz show para 20 mil pessoas

Shakira se apresenta em festival mundial de música

Paris Hilton agora ataca de cantora

**Páginas 9 a 11: Games**

Tabela de preços dos melhores vídeo games (Nintendo 64, Playstation 2, Xbox, Gameboy)

Lista de truques em games

**Páginas 12 a 14: Novelas**

Reportagem com fotos dos principais personagens e notícias sobre o último capítulo

Notícias sobre o que acontece nas novelas “Rebelde”, “Malhação”, “Feia mais bela” e “Cobras e Lagartos”

**Páginas 15 a 17: Esportes**

Perfis dos craques Ronaldinho Gaúcho e Lionel Messi

Dida, goleiro do Milan, machuca tendão e fica fora do time por três meses

Ronaldinho Gaúcho recebe o premio de melhor jogador do ano pela Fifa

Times de futebol do Rio de Janeiro estão se recuperando

**Páginas 18 e 19: Desenhos animados**

Melhores momentos do desenho animado Witch

Quem é quem no desenho animado Witch

**Página 20: Horóscopo****Página 21: Fofoca**

A cantora Beyoncé Knowles, fã de casacos de pele, é alvo de ONGs que defendem animais

**Página 22 e 23: Piadas****Página 24 / contracapa: Expediente****REVISTA “OS EXPULSOS DO INFERNO”:****Página 1 / Capa:**

Chamadas com fotos para “Notícias sobre RBD”; “meninos do pagode”; “Vasco está melhorando no futebol”

**Página 2: Índice****Página 3 a 5: Rebelde**

O destino dos personagens da novela “Rebelde”

Novidades (shows e pequenas apresentações)

Letra de música com tradução

**Páginas 6 a 8: Música**

Mundo funk e principais MCs

Revelações do pagode

**Páginas 9 a 11: Esportes**

Futebol: como andam as vidas de Ronaldinho Gaúcho, Zidane e Canavarro

Skate: os principais skatistas, campeonatos e equipamentos necessários para se praticar o esporte

### **Página 12: Piadas**

### **Página 13: Passatempos (caça-palavras)**

### **Página 14: Fofocas**

Fernanda Lima revela como superou críticas

Deborah Secco agora está solteira

### **Página 15: Filmes**

Os alunos da turma 503 contam quais são os seus filmes preferidos

### **Página 16 / Contracapa: Expediente**

#### **7.3.2b**

#### **Pautas das revistas**

Quase todas as idéias de reportagens e o material de pesquisa foram colhidos pelos alunos da escola pública em outras revistas, jornais e, principalmente, na internet. Foi nesta fase que a pesquisadora pôde perceber que os alunos dessa escola, além de se interessarem bastante pelo assunto *web*, também demonstravam uma boa prática em navegar na grande rede. Ao se sentarem em grupos na sala de informática da escola, as crianças não só recorriam a sítios de busca como o “Google”, mas também a portais já conhecidos por eles, como o de esportes “globoesporte.com”, e a outros recursos da internet, como baixar músicas e assistir a vídeos. Uma conversa entre a pesquisadora e uma das crianças, que escrevia uma reportagem sobre “skatismo”, dentro de uma das editorias de esporte, serve de ilustração:

**Rian, 11 anos:** Eu estou escrevendo uma reportagem sobre o Bob Burnquist, um skatista famoso.

**Josy:** Por que você escolheu esse assunto?

**Rian, 11 anos:** Eu ando de skate sempre que posso. Só não me lembro direito como se escreve o nome desse cara. Vou pesquisar no Google.

**Josy:** E pelo Google você consegue saber como se escreve?

**Rian, 11 anos:** É. Mesmo que você escreva errado, o Google coloca uma mensagem assim “você quis dizer...” e te dá o nome certo.

Assim como na escola particular, a grande maioria dos alunos se baseou em textos já publicados pela grande imprensa para escrever suas reportagens, mas houve, aqui, uma exceção a essa regra que merece destaque.

Ao propor uma editoria que tratasse de filmes, uma menina de 12 anos teve a idéia de entrevistar seus colegas de classe para apurar os gostos e preferências deles a respeito do assunto, demonstrando o desejo de realizar entrevistas e, só a partir daí, produzir um texto próprio, como fazem, normalmente, os repórteres. A atividade, única em todas as oficinas, despertou o interesse e a curiosidade de muitos outros participantes, que seguiram a “aluna-repórter” durante os 20 minutos que ela levou para entrevistar seus amigos. Esses mesmos alunos, em conversa posterior, chegaram à conclusão de que produzir textos desta maneira poderia ser muito mais interessante, em seu ponto de vista, do que utilizar informações e reportagens extraídas de jornais e revistas.

### **7.3.2c**

#### **Textos das revistas**

Diferentemente do que aconteceu na escola particular, grande parte das crianças da escola pública encontrou uma certa dificuldade para escrever textos em formato jornalístico. Muitos deles apresentavam, em um primeiro momento, formatos parecidos com os de redações escolares, inclusive com o uso da primeira pessoa. Após coletarem as informações na internet e em veículos impressos, as crianças da escola pública frequentemente utilizaram frases como “Eu escolhi esse tema...” ou “Eu acho que esse tema é...” para dar início aos textos de suas reportagens.

Cabe ressaltar que, apesar de não apresentarem um formato jornalístico, em um primeiro momento de produção, os trabalhos escritos por essas crianças tinham bastante consistência. Isso porque elas procuraram fugir do formato de escrita comum da internet, não produzindo textos curtos, sem recorrência de detalhes, parecidos com notas rápidas e não com reportagens completas.

A escrita de textos, nas oficinas das duas escolas, antecedeu a fase da diagramação das páginas, uma vez que era necessário, antes, produzir esse material, para depois pensar nas fotos e imagens que seriam utilizadas e no tipo de configuração teria a página. A dificuldade inicial, citada acima, de os alunos da escola pública assumirem um caráter jornalístico em seus textos, foi certamente superada quando começamos a imaginar a “diagramação” das reportagens. Ao terem que combinar textos e fotos, lado a lado, os alunos dessa escola parecem ter se dado conta de que estavam produzindo um material jornalístico e muitos deles modificaram ou tiveram, enfim, inspiração, para realizar uma escrita parecida com a que encontramos em revistas.

### 7.3.2d Diagramação das revistas

As crianças da escola pública também foram responsáveis por pensar no “desenho” que teriam suas reportagens, ou seja, a diagramação da revista. Neste processo, elas deram sugestões de cores, tanto para as letras, quanto para o fundo das páginas; disseram que fotos utilizariam; e ainda desenharam as páginas, mostrando para a pesquisadora como seriam dispostos os textos e as imagens.

Os resultados deste trabalho foram parecidos com os observados na escola particular. A diagramação sugerida por essas crianças seguiu os padrões de revistas disponíveis no mercado. Os meninos responsáveis pela editoria de “esportes” nas duas revistas produzidas nesta escola também requisitaram que o fundo das páginas sobre futebol tivesse as cores de agremiações famosas, principalmente o “vermelho e preto”, do Flamengo. Em outras reportagens, como a de uma menina de 11 anos que resolveu escrever sobre os cervos, as cores da página seguiam as cores do animal em questão e do ambiente em que vive.

**Jacimara, 11 anos:** Escolhi marrom e verde porque acho que combina com os cervos. Além disso, podemos usar imagens do Bambi, que também é um cervo, muito conhecido pelas crianças. Esses desenhos dele geralmente mostram o bicho comendo grama. É uma mistura de marrom e verde, mais uma vez.

As revistas produzidas pelos alunos da escola pública seguiram um padrão diferente do impresso feito pelas crianças da escola particular. De certa forma, a “Asteróide” e a “Expulsos do inferno” foram pensadas e escritas muito a partir da

experiência televisiva que os participantes das oficinas demonstraram ter desde o início das nossas atividades. Tal fato foi percebido não só durante a escolha de nomes, referências claras a programas de tevê, mas também no momento em que os alunos tiveram que pensar na composição de seus impressos e escolheram colocar os créditos, o expediente, na contracapa dos impressos, seguindo um padrão de filmes e de programas.

Além disso, as idéias de reportagens sugeridas por eles são divididas entre o público infantil e o público adolescente, com sugestões baseadas nos impressos que trabalhamos, a “Recreio” e o “Globinho”, com temas como “animais”, “games” e “desenhos animados”. Deste modo, as revistas produzidas na escola pública eram mais abrangentes e certamente possuíam algumas das características dos veículos infantis que trabalhamos.